

Prezado investidor,

Junho foi um mês marcado por uma rotação de carteira para se adequar à maior atividade local e a questionamentos da sustentabilidade do *reflation trade* no mercado internacional. Obtivemos ganhos no setor de petroquímicos, de *e-commerce* e de distribuição de combustíveis, sendo uma defesa importante ao fraco desempenho do setor siderúrgico.

Os fundos do segmento *Long Short* e Ações apresentaram novamente uma performance satisfatória *versus* seus *benchmarks*. A valorização do BLP Ações I FIC FIA foi de +2,40% (vs Ibovespa +0,46%) e do BLP Multiestratégia I FIC FIM foi de +1,16% (vs 0,30% do CDI).

O mês foi marcado pela intensa discussão em torno do perfil da inflação e da perenidade do *reflation trade*. O debate ganhou ainda mais tração às vésperas da divulgação do CPI americano (*Consumer Price Index*) referente ao mês de maio. O mercado já havia se demonstrado complacente no último dado e comprado a tese de que a inflação é, de fato, transitória e, neste mês, não foi diferente. Novamente, tivemos um número forte, consideravelmente acima das expectativas (5,0% vs consenso em 4,7%, fonte: *US Bureau of Labor Statistics*). A taxa de rentabilidade do título de 10 anos norte-americano chegou a estressar no dia da divulgação para 1,52%, com forte apreciação do dólar vs cesta de moedas (DXY). Entretanto, o movimento se demonstrou de curta duração e perdeu força. Dias depois, esse mesmo 10Y chegou a ser negociado em surpreendentes 1,36%, e houve um achatamento dos títulos de 10Y e 30Y, reiterando a baixa preocupação de que a onda inflacionária seja mais duradoura.

Notamos, no entanto, uma mudança de retórica: seja na própria ata do FOMC (*Federal Open Market Committee*) com viés claramente mais *hawkish* (altista em juros), seja no discurso de alguns FEDs regionais, os quais já começam a demonstrar uma maior inquietação na real necessidade de políticas estimulativas e nos patamares da taxa de juros.

A pesquisa de *Fund Manager Survey*, conduzida pelo *Bank of America*, que retratou que 72% dos gestores enxergam a inflação como transitória, veio acompanhada de questionamentos da sustentabilidade do movimento de *reflation trade*, que perdurou no primeiro semestre do ano. Adequamos nossa carteira para essa nova retórica, mas reiteramos nosso posicionamento de cautela com o movimento inflacionário, principalmente quando verificado em interações com as empresas.

No âmbito doméstico, nos surpreendemos com a quantidade e magnitude de revisões do PIB, decorrente de um processo de reabertura de economia, impulsionado por antecipações no cronograma de vacinação de vários Estados.

Logo no primeiro dia do mês, o dado de PIB de 1,0% y/y (vs esperado de 0,8% y/y, fonte: IBGE) ditou a tônica do que seria o restante do mês. O ambiente mais benigno também repercutiu no câmbio, vide a forte apreciação do BRL, estimulado pelo aparente andamento de reformas em âmbito federal e, em mais uma, elevação da taxa de juros básica. As revisões de PIB também vieram acompanhadas de atualizações de estimativas para a inflação. Neste último ponto, continuamos a monitorar de perto a pressão inflacionária, com preocupação superior à média do mercado e com a adição de dois pontos: (i) crise hídrica e (ii) retomada do setor de serviços.

No curto prazo, o cenário para *equities* nos parece positivo: (i) crescimento das economias com uma narrativa de inflação “transitória” e (ii) temporada de resultados (segundo trimestre), com determinados setores com boa expansão de receita, mas também com fortes margens e anúncios de dividendos/ recompras relevantes.

Em nossa visão, ficará, ainda mais claro, nas próximas semanas, os efeitos colaterais da política estimulativa fluindo pelo balanço de certas empresas.

No que tange à montagem da carteira, revisitamos algumas operações clássicas do *reflation trade* que carregamos por alguns meses. Dentro deste *trade*, optamos por continuar com exposição ao setor de aço e petroquímicos, onde também conseguimos capturar uma atividade local mais forte e aumentamos o posicionamento em empresas com exposição doméstica.

Seguimos na busca incessante por receitas fortes, mas, sobretudo, margens resilientes, através de empresas que consigam fazer o repasse de custos com menor dificuldade. Predomina-se a escolha por empresas com forte geração de caixa e, com espaço para eventuais programas de recompra/ dividendos.

Desejamos bons investimentos e um segundo semestre de muita saúde!

Atenciosamente,
BLP Asset

A BLP não comercializa nem distribui cotas de fundos de investimento ou qualquer outro ativo financeiro. Consulte a lista de distribuidores no site da Gestora. Para avaliação da performance de um fundo de investimento recomenda-se a análise de, no mínimo, 12 (doze) meses. Os investimentos em fundos não são garantidos pelo Administrador ou por qualquer mecanismo de seguro ou ainda pelo Fundo Garantidor de Crédito (FGC). Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa da lâmina de informações essenciais e do Regulamento do fundo antes de tomar qualquer decisão de investimento. Este documento tem caráter meramente informativo, não podendo ser distribuído, reproduzido ou copiado sem a expressa concordância da gestora. Fundos de investimento podem utilizar estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas, podendo inclusive acarretar perdas superiores ao capital aplicado e a consequente obrigação do cotista de aportar recursos adicionais para cobrir o prejuízo dos fundos. O patrimônio líquido médio dos últimos 12 meses do fundo BLP Multiestratégia I FIC FIM é R\$ 24.226.445,48 e BLP Ações I FIC FIA é R\$ 2.593.227,77, este fundo possui menos de 12 (doze) meses de existência. Administrador: BEM DTVM Ltda. Custodiante: Banco Bradesco S/A. Gestor: BLP Gestora de Recursos Ltda. www.blp.com.br.